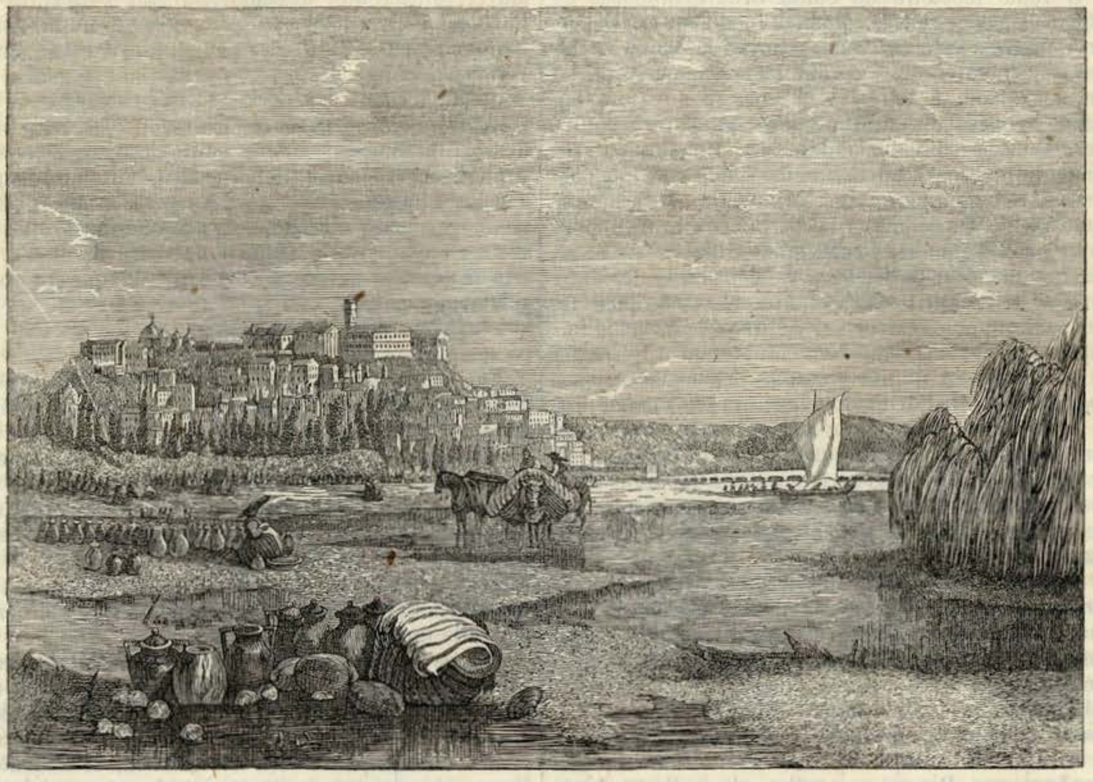


Coimbra. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Flora.

Coimbra está fundada no coração da monarchia. Esteve antigamente no sitio onde hoje apparecem ruinas de Condeixa a Velha, e por muito tempo sujeita ao imperio romano. Com a alluvião de barbaros, que no começo do v seculo inundou a Hespanha, as povoações do Mondego reconheceram o senhorio dos suevos. Ataces, rei dos alanos, ganha Coimbra a Hermenerico, e depois a despovoa e arrasa temendo a resistencia das suas fortificações. Procurando, porém, onde fundar nova cidade, escolhe o logar onde hoje está Coimbra (*col-imbria*, outeiro de chuvas).

Hermenerico pretende ganhar a nova cidade, mas é rechaçado e perseguido por Ataces até ás margens do Douro. Fazem, em fim, pazes, recebendo aquelle por esposa a filha d'este. D'aqui o brazão que a cidade adoptou.

Diz-se que os romanos reedificaram a antiga Coimbra, e a defenderam contra as armas victoriosas de Remismudo rei dos suevos. Por fim, abandonaram-n'a ao vencedor, que a sepultou de novo em ruinas.

A Hespanha sujeita os suevos.

Os mouros invadem a Hespanha, e estendem por toda ella o seu dominio.

Resistencias continuas, e alguns triumphos sobre os dominadores sarracenos, dão na peninsula nascimento a algumas monarchias christãs. D. Fernando Magno, primeiro rei de Castella, emprehende a conquista de Coimbra, e consegue-a em 1064.

Até ao reinado de D. João I, Coimbra foi a corte de Portugal. O augmento que Lisboa tivera, a importancia que lhe dava o Tejo, fizeram então que as cortes de Coimbra pedissem ao que fôra mestre de Aviz, que transferisse para Lisboa a capital da monarchia.

Pelo seu assento em amphitheatro, Coimbra é mais para ver de fóra. Assim tem formoso prospecto: vista por dentro, nas suas ruas tortuosas, é de triste apparencia. Grande parte da antiga cidade sumiu-a o Mondego, que é o maior rio dos que nascem em Portugal, tendo suas fontes nos altos da serra da Estrella: correndo mais de vinte leguas, desagua no Atlantico junto á villa da Figueira. A sua pouca corrente ao pé de Coimbra, e o passar apertado entre montes, cujas terras desprega, e com ellas alastra e alteia o seu leito, faz que nas grandes cheias do inverno inunde os campos proximos, invada a cidade baixa, e, pondo as casas em sitio, faça notaveis estragos. Estas circunstancias fazem necessarias e da maior importancia, obras que resguardem de taes accidentes. Trata-se d'isso ha muito, e ainda agora lá existe para esse fim um imposto, e uma junta administrativa.

Sobre o rio ha uma formosa ponte, que communica a cidade com o campo da margem esquerda, e estrada de Lisboa. Assenta sobre duas outras, que desde D. Affonso Henriques se submergiram, e está, ella propria, exposta a desapparecer um dia com as alluviões do rio, que já lhe entulharam os primeiros e ultimos arcos.

Quem vem do Porto entra em Coimbra pela sua mais formosa rua, a *Sophia*, inda ha pouco quasi exclusivamente povoada de conventos, ou collegios de diversas ordens monasticas.

A primeira cousa que ao longe attrahe logo as vistas, é o palacio da universidade e a torre do observatorio, que coroa aquella grande casaria. Este

edificio magestoso está onde eram os paços reaes, chamados das alcaçovas. A torre altissima avista-se muitas legoas ao longe.

Coimbra tem algumas cousas notaveis, e muitas memorias historicas.

O velho mosteiro de Santa Cruz é fundação do nosso primeiro rei. D. Manuel reedificou-o. O portal da egreja está entre duas torres massiças de altura mediana, e de canto talhado. Chama-se portal da magestade. A egreja é de uma só nave: a abobada, de pedra branca, ornada com florões dourados. Tem quatro capellas lateraes. Um grande arco sustenta o coro, que tem setenta e duas cadeiras com cercaduras douradas, etc. Na capella-mór estão os tumulos de D. Affonso I, e D. Sancho I, mandados fazer por D. Manoel, e conservados intactos até 1832, em que um acto de barbaro vandalismo os fez abrir para se *ver o que continham!*, o que se não póde fazer sem alguma destruição. As duas casas mais importantes que havia no convento, eram a livraria e o sanctuario. A quinta era uma das mais vastas e maravilhosas de Portugal; o lago era obra magnifica.

A sé velha, parochia de S. Christovão, é por ventura o unico monumento que resta em Portugal do tempo dos godos. Não se assimilha a nenhum edificio conhecido. As paredes, vistas exteriormente, parecem de castello. É talvez o que resta da primitiva.

A sé nova era egreja dos jesuitas. É vasta, e ao primeiro aspecto magestosa; mas, mais miudo exame faz descobrir n'ella o máo gosto architectonico, que era cunho das construcções d'aquella famosa ordem.

Cada pedra, cada campo, cada bosque nos arredores de Coimbra, é como um monumento historico.

Á direita do campo de Santa Clara está a quinta das Lagrimas. Diz se que o velho palacio d'esta quinta fôra theatro d'aquella catastrophe da morte de D. Ignez de Castro. A fonte dos Amores, no fim da quinta, se é pobre de adornos, é rica de recordações.

O penedo da Saudade consagra-o a tradição, por ter servido de descanço ás saudades do infante D. Pedro, quando estava longe da sua querida Ignez. A fonte do Cidral é mais um dos muitos encantos do valle das Oliveiras, por que os olhos saudosissimos se estendem.

Coimbra tem experimentado muitos melhoramentos. Uma boa estrada de primeira ordem a põe em communicação facil e segura com Lisboa e Porto, por meio de um serviço official de malas-postas. Tem melhorado na limpeza, na policia, nas construcções civis, e agora o alargamento da antiga rua de Coruche veiu satisfazer-lhe uma imperiosa necessidade, e realisar um notavel melhoramento.

Uma lei recente transferiu de Coimbra para Lisboa a superintendencia geral dos estudos.

O CHRISTIANISMO NA CHINA.

Sua introducção, depois de descoberta a India por Vasco da Gama. — Successos mais notaveis, principalmente no que é relativo á questão do real padroado portuguez.

Intentando escrever esta pequena noticia, proponho-me sómente consignar factos pouco conhecidos, mas valiosos para a historia das missões portuguezas na China, quando por ventura alguem a escreva. Estas missões, já na maior parte cedidas pela recente concordata com a curia romana, podem considerar-se perdidas no todo; mas saiba-se ao menos que a culpa inteira não é dos portuguezes.

Se justamente nos accusam de imprevidencia, de desleixo, e mesmo de erros graves nas cousas do padroado, não é só de taes causas que nos proveiu a perda de uma boa parte d'elle, e provirá, provavelmente, a do todo. A curia romana muito tem contribuido para isto systematica e perseverantemente. Desde certa epocha, longe de auxiliar as nossas missões, de facilitar aos governos os meios de as promover, e de reunir os seus esforços aos da coroa de Portugal para o piedoso e commum fim de dilatar o Evangelho entre as nações pagãs; longe d'isso, aproveitou, a curia, e aproveita todas as occasiões de apressar a ruina das nossas missões na Asia, e de conseguir a anniquilação do padroado real. Se o perdermos totalmente, como é muito de recear, nomeadamente na China, a historia imparcial, analysando as causas d'esse successo, achará que não menos estão nos nossos erros e decadencia de poderio, do que na tortuosa e mundana politica da corte de Roma. É isto o que me parece se deduzirá do que passo a relatar.

I.

Em 1552 falleceu S. Francisco Xavier na ilha de Sanchoan. [1] Terminou sua carreira apostolica quando se dispunha, já ás portas da China, levar a este paiz a luz do Evangelho, que tão auspiciosamente deixára accendida no Japão, e n'outras partes da Asia. Em outubro d'aquelle mesmo anno nascia em Macerata, na Italia, o celebre Mattheus Ricci, predestinado pela Providencia para annunciar a religião do Crucificado n'aquelle vasto imperio, que tanto ambicionára converter ao christianismo a ardente caridade do apostolo das Indias.

Depois de ter cursado seus estudos na Italia, com grande distincção, e ter ensinado humanidades em Goa até 1578, d'esta cidade partiu Mattheus Ricci para Macau, onde pelos annos de 1582 vivia encerrado n'uma pequena casa de madeira, estudando a lingua chineza com tanta applicação, que em breve tempo chegou a possuir perfeitamente este difficilimo idioma. Dotado de vastos conhecimentos e virtudes, possuia maneiras tão affaveis e polidas, que captivando a todos que de perto o tratavam, parecia ter nascido para ganhar as sympathias da nação Central, grande desprezadora de todos os estrangeiros, aos quaes desde então até hoje capricha e se honra de appellidar *barbaros e demonios occidentaes*. Tal denominação era já n'aquelle tempo indicio nada equivoco da aversão que os chins professavam aos europeus, que naturalmente provinha de sermos, nós portuguezes, senhores de muitos logares na India, e termos conquistado a opulenta cidade de Malaca, em paiz confinante do imperio, e quasi á sua vista. Se o interesse, unico sentimento que, em geral, influe nos chins, não vencesse a desconfiança e o odio que desde logo conceberam contra os europeus, talvez até hoje estivessem cerrados para estes os portos do reino do Meio. Porém, apesar da prohibição do governo imperial, logo que aportámos á China, começaram as transacções mercantis entre os portuguezes que se estabeleceram em Macau, e os negociantes de Cantão.

Foi á sombra d'este trato, que alguns dominicanos prégaram o Evangelho n'alguns logares d'aquella provincia, mas sem resultado.

Miguel Rogerio foi o primeiro jesuita que penetrou até Xau-kim, em 1583, e alli fundou residencia; mas, pela opposição dos chins, viu-se obrigado a regressar a Macau.

Ricci, tambem jesuita, mais feliz do que Rogerio, pôde não só internar-se na provincia de Cantão, e n'ella residir alguns annos, não sem graves perseguições, mas penetrar, em 1595, até á cidade de Nankim. Foi-lhe, porém, mui desastrosa esta viagem

[1] Vide sobre a vida de S. Francisco Xavier, e seus trabalhos na Asia, a pag. 249 d'este volume.

á segunda capital do imperio. Soffreu um naufragio no caminho, de que a grande custo se salvou, e do qual foi victima João Barradas, seu companheiro de jornada. Não podendo permanecer em Nankim, partiu para Nan-cham, capital da provincia do Kiam-si, onde fundou uma christandade, que ao depois floreceu muito.

Passados dois annos, tornou Ricci a Nankim, d'onde, sem se demorar, aproveitando opportuna occasião, seguiu para Pekim. Não lhe sendo, porém, permittido residir na capital do imperio, nem tão pouco em Nankim, por terra regressou para as provincias do sul, e em Su-chou fundou uma christandade, que depois foi cultivada por muitos europeus, do que são prova os tumulos com cruzes de pedra, que ainda existem n'uns montes proximos áquella cidade. Não foi longa sua demora em Su-chou, e pela terceira vez se fez á vela para Nankim, onde pôde finalmente fixar residencia, e fundar uma christandade, que outr'ora muito floreceu, mas ha poucos annos só constava d'umas trezentas confissões.

Já n'este tempo gozava Mattheus Ricci de grande celebridade em toda a China, o que, se por um lado lhe grangeava muitos e poderosos amigos, por outro lhe suscitava não poucos adversarios, que por vezes lhe promoveram perseguições, a que teria de succumbir mais tarde ou mais cedo, se não tratasse de obter a protecção da corte. Difficil cousa era conseguil-a; mas homem da têmpera de Mattheus Ricci não vacillava diante de obstaculos. Protegido por seus amigos, e munido de varios objectos curiosos, partiu em 1600 de Nankim para Pekim, em companhia de Diogo Pantoja e Gaspar Ferreira. Teve navegação feliz pelo canal imperial até Lim-kim, cidade situada quasi nos confins da provincia de Xantum, onde o governador, que era eunucho, lhe fez gravissimas vexações, detendo-o por seis mezes, de modo que só a 24 de janeiro de 1601 pôde chegar a Pekim. Foi d'esta vez bem recebido pelo imperador Vanly, que lhe permittiu viver na corte, apesar da opposição de um dos tribunaes ou conselhos superiores do imperio. Alli viveu por alguns annos, estimado pelo imperador e pelos grandes. Arruinada, porém, sua saude pelas muitas fadigas e trabalhos que soffrêra, terminou seus dias aos 58 annos de edade, em 10 de maio de 1610, com grande sentimento do imperador e dos chins, como se collige do epitaphio gravado na grandiosa sepultura que se lhe erigiu, e que ainda se conserva no cemiterio portuguez de Pekim.

Os mencionados companheiros de Ricci, Pantoja e Ferreira, supposto fossem homens de muito saber, não gozavam comtudo do prestigio que elle tinha sabido adquirir entre os chins. É sabido que n'aquelle tempo os jesuitas se avantajavam em todos os ramos da litteratura, e que, para missionar no celeste imperio, sempre se escolhiam os mais distinctos por seus conhecimentos, principalmente em mathematicas.

Depois de Mattheus Ricci, appareceram na China dois jesuitas que, se não o excederam, pelo menos o egualaram em merecimento e fama. Foi um d'elles o celebre allemão João Adam Schaal, [1] nascido em Colonia em 1591, e que tendo desde 1620 prégado o Evangelho em Xan-si, com muito fructo, foi por seu renome chamado a Pekim, e feito presidente do tribunal das mathematicas. O outro foi Fernando Verbiest, flamengo, conhecido entre os chins pelo appellido de *Nan-hoai-jen*, que desde 1659 prégou o christianismo na mesma provincia de Xan-si, d'onde tambem foi chamado a Pekim, e elevado a presidente do tribunal das mathematicas, no reinado do imperador K'am-hi. Este cargo e os dos dois ajudantes ou secretarios do mesmo tribunal foram depois sempre confiados aos padres da egreja portugueza de Pekim; dando-se só uma unica excepção, quando D. Frei Alexandre de Gouvêa presidiu ao dito tribunal, que propoz a mr. Roux, lazarista francez, para exercer o logar de um dos ajudantes.

Os tres famosos jesuitas, Mattheus Ricci, João Adam Schaal e Fernando Verbiest, são considerados pelos chins como tres genios protectores das mathematicas.

A grande reputação d'estes homens, e d'outros mais, muito concorreu para o rapido progresso da religião christã na China. Já em 1616 contavam os jesuitas sete residencias nas provincias de Cantão, Kiam-si, Ke-kiam, Nankim e Pekim. Além d'estas, se foram estabelecendo, desde 1624 a 1634, numerosas christandades nas provincias de Ho-nan, Xan-si, Xen-si, Hu-cuam e Xan-tum.

Por estes tempos lavrava no reino do Meio a mais completa e espantosa anarchia. Ly, denominado pelos historiadores chins « chefe dos ladrões » era um tigre sedento de sangue humano. Dez mil letrados ou estudantes chamados a exame, assassinados n'um só dia, e seiscentos mil homens passados ao fio da espada, não bastaram a saciar sua fereza. Depois de ter assolado as provincias do sul e do occidente do imperio, marchou, em 1641, contra Pekim, de que se assenhoreou pela traição dos eunuchos. O imperador Cum-cham, ultimo da dynastia Ming, rezava com os bonzos o seu *yo mi to fo* (Fo, valei-nos), e só soube que a cidade era entrada, quando os inimigos invadiram o palacio em que residia. Desamparado pela sua guarda, retirou-se para o jardim, e com o sangue d'um dedo, que dizem os historiadores chins cortára com os dentes, escreveu n'um pedaço de seda as seguintes palavras: « Os mandarins foram traidores, merecem a morte; o povo é innocente, deve ser poupado; e eu me suicido, porque não posso sobreviver á ruina do meu imperio. » De feito se enforcou n'uma arvore, a qual, por se ter prestado a ser instrumento da morte de um dos filhos do ceo, está ha 216 annos presa com uma cadeia de ferro, para expiar seu crime. Singular castigo, e originalissimo modo com que a dynastia tartara dos Tsing, que no meio d'estas perturbações se apossou do mando supremo, quiz incutir no animo do povo até que ponto é sagrada a vida do imperante!

Durante a guerra civil e anarchia que precedeu e preparou a invasão dos tartaros mantchus, floreceu a religião, e os europeus eram respeitados por todos os partidos; o que pouco era de esperar, bem como que assim continuasse a succeder, depois que os mantchus, conduzidos por U-san-cuei, general chinez, se apoderaram de Pekim e de toda a China. Longe, porém, de expulsar os missionarios europeus, como homens affectos á precedente dynastia, logo o primeiro imperador Sun-che, da nova dynastia mantchu, lhes dispensou protecção, e mais ainda o seu successor Kam-hi. Durante estes dois reinados, dilatou-se a religião; e, apesar d'algumas perseguições parciaes, houve grande numero de christandades em quasi todas as provincias do imperio, não sendo comtudo facil saber hoje qual fosse seu numero.

(Continúa).

CARLOS JOSÉ CALDEIRA.

FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN.

II.

A convenção d'Evora-monte, pondo termo á guerra civil, fez restabelecer em todo o reino a auctoridade do governo da senhora D. Maria II. Abertas novamente as aulas em 1834, o sr. Varnhagen obteve li-

[1] Vide o artigo sobre elle, a pag. 287 do 1.º vol. d'este semanario.

cença para proseguir o curso d'estudos proprios da arma d'engenheria, a que então se destinava. Alumno da academia real de fortificação, convertida pouco depois em eschola do exercito, continuou a dar provas de talento e diligencia, merecendo approvações plenas em todos os annos de ensino, e ganhando os premios em algumas cadeiras. Porém, de mistura com os cuidados escholares, desenvolviam-se cada vez mais no seu espirito as idéas, que de muito tempo o impressionavam, levando-o a occupar-se de preferencia das cousas do Brazil, onde via o seu paiz natal, alongando para elle olhos saudosos, e esperando com impaciencia o momento de poder consagrar-lhe como zeloso patriota todos os seus trabalhos e fadigas.

Estas idéas eram egualmente as de seu pae, que não querendo jámais naturalisar-se portuguez, só esperava, para regressar ao serviço do imperio, obter d'alli a segurança que pedíra, de ser empregado regularmente, com a annullação do decreto pelo qual, depois dos acontecimentos de 7 de abril de 1831, fôra com outros officiaes estrangeiros, e por medida geral, excluido do mencionado serviço.

Voltando pois a sua attenção especial para o que de mais perto dizia respeito á historia topographica, civil, e natural do vasto continente que lhe dera o berço, lendo e confrontando o que de taes assumptos achava escripto por nacionaes e estranhos, o sr. Varnhagen pôde em 1838 (quando ainda frequentava o curso d'engenheria) concluir e apresentar á academia real das sciencias de Lisboa as primicias do seu tirocinio litterario em obra tal, que de certo não desdenhariam perfilhal-a outros, por ventura muito mais exercitados em similhantes estudos. Eram as *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo* XVI, *impresso com o titulo de Noticia do Brazil* no tomo III da *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, que a mesma academia publicára em 1825. Este trabalho, denunciando para logo o que havia a esperar do genio observador e perspicaz do auctor, não só valeu a este a prompta admissão no gremio da corporação á qual o offertára, mas grangeou-lhe a consideração e amizade pessoal dos mais distinctos academicos d'aquelle tempo, entre elles dos sabios Trigoso e S. Luiz (depois cardeal patriarcha de Lisboa) recebendo d'um e outro testimunhos não equivocos de affectuosa e singular benevolencia.

Terminado em 1839 o curso d'estudos, e tendo n'esse mesmo anno feito segundo ensaio de sua applicação predilecta, dando á luz com amplas annotações e documentos illustrativos o inedito e até então quasi ignorado *Diario da navegação ao Brazil do capitão-mór Martim Affonso de Souza*, determinou passar pessoalmente á corte do Rio de Janeiro, com o fim de advogar alli a sua causa, pugnando pelos foros da nacionalidade, que lhe conferia de direito a constituição do imperio, mas que o facto da sua permanencia em Portugal tornára d'algum modo duvidosos.

Emprehendeu a viagem no anno seguinte, e á sua propria custa, servindo-lhe para occorrer aos gastos necessarios o producto dos premios que alcançára nas aulas, e o fructo, bem que mediocre, havido dos seus trabalhos litterarios. Atravessando o Oceano, chegou ao Rio em agosto de 1840, onde foi mui bem acolhido pelos amigos que seu pae alli deixára, sem que todavia tivesse a satisfação de ver o seu negocio resolvido com a presteza que desejava; porque difficuldades e embaraços se levantaram, taes, que não permittiram uma prompta solução. Começavam a escacear-lhe os meios, e achou-se na necessidade de voltar á Europa, com o desgosto de deixar ainda indecisa a sua sorte.

Só passados tempos, depois do seu regresso, é que recebeu em Lisboa a communicação official do decreto de 24 de julho de 1841, pelo qual era mandado entrar no gozo dos direitos civis e politicos, e se lhe abriam as portas da patria, como a cidadão brazileiro.

Podem facilmente imaginar-se os sentimentos que deveria inspirar-lhe tal noticia, no estado de anxiedade em que se achava, ao ver assim coroado um empenho, para o qual empregára tão efficaz sollicitude. Resignando desde logo todas as esperanças de futuro adiantamento em Portugal, e a patente de capitão d'engenheiros, que ia prestes ser-lhe conferida, foi em fevereiro de 1842 assignar, perante a legação imperial em Lisboa, o termo declaratorio que o tornava subdito do imperio, ficando desde então reconhecido como tal.

O successo não tardou em justificar a confiança que elle depositára na magnanimidade do seu novo monarcha. O sr. D. Pedro II, por decreto de 19 de maio do mesmo anno, houve por bem nomeal-o addido de primeira classe á dita legação, cargo em que mais tarde foi transferido para a de Madrid por outro de 4 de janeiro de 1847, e logo depois elevado a secretario em 8 de junho seguinte. Com aquelle decreto vinha egualmente o da confirmação no posto militar, que por dias estivera proximo a caber-lhe no exercito portuguez.

Durante o referido intervallo, o sr. Varnhagen continuou a illustrar-se por novos e interessantes trabalhos na carreira das letras, para que desde o principio manifestou tão decidida vocação. Além de muitos artigos, que da sua penna saíram insertos no *Panorama*, cujo collaborador foi nos annos da maior florescencia d'este jornal, varios outros escriptos publicou por estes tempos, não sendo d'elles os menos notaveis as memorias biographicas, archeologicas, e de critica litteraria com que enriqueceu numerosissimas paginas da *Revista Trimensal* do instituto historico e geographico do Brazil, que desde os primeiros annos da sua fundação começou a contal-o no numero dos seus mais prestadios e diligentes associados.

Por falta d'espaço não podêmos, como desejavamos, commemorar aqui especialmente cada um d'esses trabalhos, todos de innegavel utilidade, cujo complexo interessa não menos a Portugal que ao Brazil, e que offerecem a cada passo provas de efficaz perseverança, e testimunham a vasta e conscienciosa erudição do seu auctor. Para supprir esta deficiencia, enviaremos os leitores para o que do assumpto escrevemos ainda ha pouco em o tomo II do nosso *Diccionario Bibliographico Portuguez*, publicado já no anno corrente, onde de pag. 319 a 322 acharão a enumeração particular, ainda que concisa, de todos os que chegaram ao nosso conhecimento.

D'entre elles avulta sem duvida, como obra de mais elevado alcance, a *Historia Geral do Brazil*, desde o seu descobrimento em 1500 até á separação da mãe patria, em 1822; a qual constitue, por assim dizer, o epilogo de todas as fadigas litterarias do illustre escriptor. Só tendo-a presente, e percorrendo com attenção as paginas dos dois grossos volumes que a compõem, poderão bem avaliar-se os esforços que lhe custaria para pesquizar, reunir e coordenar tantas e tão differentes especies, discriminando o certo do provavel; investigando as causas e successão dos acontecimentos; restabelecendo com luminosa critica a verdade dos factos, muitas vezes escurecida pela parcialidade e falta de conhecimento dos que o precederam; e supprindo em fim as omissões e lacunas, que estes não souberam, ou não puderam evitar.

Foi-lhe mister para isso não limitar-se ao exame

e confrontação dos livros e escriptos já publicados nas principaes linguas vivas da Europa, que felizmente lhe são familiares, mas soccorrer-se ás fontes primitivas, isto é, á indagação dos documentos originaes, que com dispendiosas e assiduas diligencias procurou haver e consultar nos archivos de Portugal, Hespanha, e outros paizes, e no proprio Brazil, vencendo as difficuldades e enfados inherentes a taes emprezas, que por experiencia conhecem os que tiveram de luctar com elles em similhantes estudos.

Consta-nos que em segunda edição, que brevemente se espera, o auctor se propõe apurar ainda a sua obra, não só consignando n'ella o fructo de novas pesquizas, e rectificando ou corroborando algumas especies, que não puderam ser tratadas na anterior com todo o necessario desenvolvimento, mas aprimorando mais a phrase, que, subordinada á materia, como que se resente em partes (ao menos no tomo I) da pressa com que, desejoso de satisfazer á anxiedade do publico, entregára ao prelo o original, antes de dar-lhe os seus ultimos cuidados.

O juizo que d'esta obra formaram ao seu apparecimento os homens illustrados e competentes em tal especialidade, acha-se assaz comprovado nos testimunhos d'alguns d'elles, que o auctor se comprazeu de inserir no P. S. com que cerrou o tomo II, e nos honrosos diplomas de varias corporações scientificas, que espontaneamente o buscaram para socio.

Se o sr. Varnhagen é hoje havido e respeitado no velho e novo mundo como um dos mais eminentes escriptores e litteratos do Brazil, os seus serviços na carreira diplomatica não tem sido menos prestaveis á patria; e as demonstrações successivas da benevolencia e agrado do soberano attestam por modo não equivoco, a justa consideração em que é tido. Depois de exercer por quatro annos o cargo de secretario da legação em Madrid, foi nomeado encarregado de negocios junto á mesma corte em 14 de novembro de 1851, e ultimamente promovido por decreto de 9 de dezembro de 1858 a ministro residente do imperio na republica de Paraguay, onde ao presente se acha. É d'esperar que o proficuo desempenho de tão arduas funcções o recommendará, dentro em pouco, para novos augmentos na hyerarchia; o que d'aqui cordialmente lhe augurâmos, para maior gloria sua, e utilidade do paiz, que muito lucra quando tem por seus representantes sujeitos de tão abalisado merito.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.



Praça municipal de Bruxellas.

PRAÇA MUNICIPAL DE BRUXELLAS.

Bruxellas tem, a titulo de monumento publico, uma joia inestimavel; é a magnifica praça fronteira ao mais bello paço municipal do mundo, na qual foram decapitados os condes d'Egmont e de Horne, ainda hoje toda cercada de esplendidas habitações dos XV e XVI seculos.

Ha na Europa praças muito mais vastas que esta; nenhuma porém junta a tanta elegancia, tão admiravel sello de vetustez. Parece que nos transporta ao tempo de Carlos o *temerario*, ou ao menos aos de Farnesio, e Margarida de Parma. A impressão que produz é profunda: a demora no exame ratifica e augmenta ainda a primeira admiração.

A fórma é de um parallelogrammo.

O paço municipal occupa pouco mais ou menos metade de um dos lados maiores. Foi alli que Carlos V abdicou.

Este admiravel edificio consta de quatro alas, que fecham um pateo ornado com duas fontes, obra de Plumier, e de De Kuinder. A do primeiro, á direita, é a melhor. A parte posterior do palacio, destruida com o bombardeamento de 1695, foi reconstruida de 1706 a 1708 pelos planos e sob a direcção do architecto Corneille Van Nerven. A parte anterior é muito mais antiga. A oriental foi começada em 1401 ou 1402, assim como a torre, que se acabou de 1449 a 1454, sob a direcção de João Vandenberghe, cha-

mado Van Ruysbroeck. A primeira pedra da ala occidental foi posta em 5 de maio de 1444 pelo conde de Charolais, depois Carlos o *temerario*. A parte antiga do palacio pertence ao estilo gothico terciario. A torre, que se eleva á altura de 91 metros, é modelo de ousadia e elegancia. É quadrada, desde a base formada por um portal decorado de estatuetas, até ao nivel dos tectos lateraes. A parte superior, que affecta fórma octogonal, compõe-se de tres andares abertos, tres galerias ornadas de balaustradas, e uma frecha de pedra coroada por uma estatua colossal de S. Miguel de cobre dourado. A accusação que merece a má disposição da fachada, em que a torre não está bem a meio, deve recair sobre o architecto que cêrca de 1400 deu os primeiros planos.

No interior distingue-se, pela sua extensão, a sala do throno, restaurada em 1825. A sala de Christo interessa pelas suas recordações: era alli que se reuniam os misteres, ou as tão temidas *nove-nações* de Bruxellas, cujo consentimento, que muitas vezes recusavam, era indispensavel para as contribuições pedidas pelo governo; ficando muitas vezes tambem em reunião permanente sem se quererem dissolver em quanto lhes não satisfaziam as reclamações. As salas dos estados de Brabante estão mobiladas com magnificencia: a galeria que a ellas conduz é decorada com uma collecção de retratos em pé, dos antigos principes do paiz. A sala principal, onde outr'ora se reuniam os estados, e hoje o conselho municipal, é ornada de espelhos, de dourados, e tapessarias executadas por Leyniers, de Bruxellas, sobre desenhos de Janssens, que pintou o tecto, que passa por uma obra prima, e representa a assemblea dos deuses. Tambem alli se admira um bello retrato em pé do rei Leopoldo, dado por elle á cidade, e pintado por Winterhalter. Nos quartos contiguos está a vida de Clovis representada em velhas tapeçarias d'Audenarde.

Bellas casas particulares, egualmente celebres, completam a decoração da praça.

A principal, em frente do paço municipal, chama-se *casa do rei*, ou *casa do pão*. Começou a construil-a, em 1515, Antonio Kildermans, architecto de Carlos v. Não é gothica, não pertence ainda á renascença, antes seria serracena. Pelas arcadas ogivaes tomar-se-hia por um dos palacios mouriscos, que em Veneza bordam a praça de S. Marcos. Foi n'um dos seus quartos que Egmont passou a sua ultima noite. Tem na frente em grandes letras de oiro, estas duas inscripções:

A peste, fame et bello, libera nos, Maria Pacis!
Hic votum pacis publicæ Elisabeth consecravit.

Por debaixo do relogio:

Sit patriæ aurea quæ vis.

inscripção que tem visivelmente faltas orthographicas. Quererá dizer, que toda a hora seja propicia á patria?

Olhando para o paço municipal, á direita da praça está a *casa dos maritimos*. No cimo d'ella figura uma popa gothica, com Neptuno e os attributos d'este deus. Logo a baixo e em pé estão dois marinheiros. Esta casa, que data de 1624, era da antiga corporação dos marinheiros.

Outra casa, a primeira á direita, é coroada por uma concha de oiro e differentes ornamentos.

Uma terceira, cujas janellas são reentrantes e de fórma semicircular, distingue-se por baixos-relevos de amores bochechudos, dignos de Boucher e de Vanloo.

Do outro lado da praça a casa dita *dos cervejeiros* assenta em columnas canelladas, e brilha pelos dourados.

A casa *da balança*, que fórma angulo com a praça e com a rua da Collina, é bella: data do começo do XVII seculo. Na altura do primeiro andar duas cariatides de pretos sustentam uma especie de balcão.

Não é menos famosa, em fim, a casa chamada *da loba*, por causa de um grupo de De Vos, que lhe decora a frente, e figura a amamentação de Romulo e Remo. Apresenta-n'os tambem quatro imperadores romanos, acompanhados d'estas quatro inscripções: *Firmamentum imperii* — *Insidiæ status* — *Salus generis humani* — *Eversio reipublicæ*.

Quem eram aquelles a quem estes titulos competiam?

Lêde Suetonio.

ANTIGUIDADE DO MUNDO.

Em o numero 25 do corrente volume d'este semanario, no artigo que tem por titulo — *Bellezas da Doutrina de Confucio e Mencio* — lêmos nós com admiração o periodo seguinte: «A civilisação chineza é, sem duvida alguma, a mais antiga civilisação da terra. Remonta *authenticamente*, isto é, segundo os documentos da historia chineza, a 1:200:000 annos antes da nossa era!» — Lêmos isto com admiração, diziamos nós, porque cuidavamos que era já passado o tempo em que o saber humano, armado contra Deus, foi buscar essa absurda chronologia dos chinezes para desmentir a narração de Moysés. E procurando examinar de novo o que com saber e escrupulosa lealdade se acha escripto sobre a antiguidade do mundo, viemos a confirmar-nos ainda mais na opinião, que de ha muito haviamos formado, isto é, que essa pretendida vetustez da civilisação chineza é uma fabula tão digna de riso, como a pretenção do imperador da China de passar por filho do sol. Exporemos resumidamente aos leitores o fructo do nosso estudo sobre esta questão, que cremos de summa importancia, não só pelo lado historico e chronologico, mas tambem pelo lado religioso; advertindo, porém, que não nos contentando só com desmentir a fabulosa antiguidade da nação chineza, procuraremos egualmente combater os outros argumentos, que uma falsa sciencia quiz achar na chronologia e na geologia para dar ao mundo uma antiguidade muito maior, do que aquella que lhe assignalam as narrações moysaicas.

Já o celebre Freret, examinando os annaes chinezes, havia declarado que: «A antiga chronologia profana, ainda a das nações, cuja origem mais longe se faz subir, váe encontrar-se com um tempo, em que a verdadeira chronologia da Escriptura mostra, que a terra estava já povoada havia muitos seculos.» [1] Depois d'isso Klaproth, fazendo as mais serias e minuciosas investigações historicas, geographicas e philosophicas, sobre os povos do oriente, póde concluir que a historia antiga d'estes se divide, como a dos gregos, em mythologia, historia incerta e historia verdadeira, e demonstrou que esta ultima começou para os chinezes em o IX seculo antes de Jesus Christo. [2] Ora, devemos notar, que a tradição de um feliz estado primitivo do homem, e da sua quéda subsequente, é commum ás nações orientaes, bem como aos outros povos do globo, o que já fez dizer a Voltaire que a quéda do homem, e a sua degeneração, formam o fundamento da theologia de todas as antigas nações. Especialmente os chinezes tem escripto nos seus livros que: — «A terra no principio produzia fructos em abundancia, e espontanea-

[1] Memor. da Acad. das Inscripç. Tom. 29. p. 450.
[2] Cit. por Cantu, hist. un. L.º 1.º

mente; não havia então doença, nem desgraça, nem morte. Mas os homens desprezaram o supremo imperio; quizeram disputar sobre a verdade e o erro, e estas disputas baniram a razão eterna. O homem olhou depois para as cousas terrestres, e amou-as com excesso; d'aqui nasceram as paixões. Esta foi a origem de todos os crimes, e para os punir mandou o ceo á terra todos os males. Os passaros, as feras, os vérmes, e as serpentes, fizeram guerra ao homem, infeliz d'ahi em diante com a sua descendencia. » [1]

D'esta recordação de um estado mais ditoso e perfeito nasceu, segundo suppõe mui judiciosamente um escriptor distincto, essa disposição commum, que leva o homem «*singular mixto do ephemero e do eterno*» porque não vive senão um dia, a querer ligar a sua existencia passageira á dos seus avós n'uma longa serie de imaginarios seculos. Por isso, não sómente os chinezes, mas tambem os outros povos orientaes accumularam myriadas de annos sobre a epocha primitiva do mundo. Os chaldeus, por exemplo, conservavam observações astronomicas de 40:000 annos antes de Alexandre Magno. Os brahmines dão á sua nação 3:000,000 d'annos; 2:500,000 os japonezes; 34,000 os egypcios; e os persas 100,000 annos. Segundo a opinião de alguns sabios, entre os quaes se conta o celebre Bailly na sua *Astronomia indiana*, aquellas cifras representavam os cyclos astronomicos multiplos de 13, 19, 52, 60, 72, 360, 1,440, e de outros periodos, a cuja volta a imaginação associára uma renovação da materia, supposta indestructivel, attribuindo ao espaço o que parece só pertencer ao tempo. Syncelle, por exemplo, dá uma chronologia egypcia de 36.525 annos desde o reinado do Sol até ao de Nectanebo, 15 annos antes de Alexandre. Ora, um tal periodo não é senão da volta do ponto equinoxial ao primeiro gráo da constellação de *Aries*. Instrumentos exactos mostram que isso se verifica depois de 25,868 annos; mas os egypcios dividiam o zodiaco em 365 gráos, e suppunham que o equinoxio, retrogradando em cada seculo um gráo, completava a sua revolução inteira em 36,500 annos. Como além d'isso o seu anno era mais pequeno um quarto de dia, do que o verdadeiro anno solar, juntaram áquelle valor o quarto de 36,525 dias, isto é — 25 annos — que completaram os 36,525 annos indicados para a edade do mundo. Por estas engenhosas indagações se explicam egualmente os milhares de seculos contados por outros povos.

Se se procuram, porém, nas historias d'esses povos, os tempos certos, èm todas ellas começam mui posteriormente a Abrahão. Os historiadores d'essas diversas nações são tambem todos muito modernos comparativamente a Moysés. Herodoto, primeiro historiador profano, vivia no tempo de Nehemias e Malachias (484-450 antes de J. C.). Beroso escreveu no tempo de Seleuco Nicanor; Manetton no de Ptolomeu Philadelpho, tres seculos antes da era christã. Sanchoniaton foi conhecido sómente dois seculos antes da mesma era; e dos livros chinezes, o *Chou-King*, que é o mais antigo dos seus livros sagrados, foi descoberto ha hoje apenas 20:35 annos[1].

Ora, sendo assim, que fé poderão elles merecer (pergunta o sabio Cantu) quando fazem desfilar diante de nós uma interminavel serie de seculos? Demais d'isso, aquelle livro já citado — o *Chou-King* — mostra *Yao* reinando ao principio juntamente com os montes do seu imperio, e dando as suas ordens aos seus servidores *Hi* e *Ho*: «Ide, e observae as estrellas; determinae o curso do sol, e dividi o anno.» Elle ensina a construir os aqueductos, regula o culto e as hierarchias sociaes, e inventa a primeira metaphysica do Y, isto é — *como quatro e oito foram formados por um e dois*. — N'uma palavra, pertence aos seres symbolicos, e todavia é apenas 4,170 annos mais antigo do que nós, segundo uns, ou segundo outros 2,357. [1]

O mesmo acontece com os outros monumentos, em que se suppunha achar as provas de uma maior antiguidade do mundo. «As taboas astronomicas dos Indous, que passavam por ser de uma antiguidade prodigiosa (diz Klaproth) foram feitas no setimo seculo da era vulgar, e posteriormente transferidas a uma epocha anterior.» [2] Os astronomos chaldeus, que se jactavam de ter quarenta mil annos de observações, nenhum documento deixaram, que possa justificar tão atrevida pretenção. Callisthenes, enviado por Aristoteles, e por ordem de Alexandre Magno, a Babylonia, depois da conquista d'esta cidade, fez alli as maiores investigações, sem que lhe fosse possivel descobrir monumentos astronomicos, que distassem d'aquella epocha mais de 700 annos. [3] O *Suria-Siddanta*, que os brahmines pretendem ter sido revelado ha vinte milhões de annos, não conta oito seculos de existencia! [4]

Venhamos já aos fallados zodiacos de Denderah e de Esnêa, nos quaes a impiedade quiz achar uma frizante prova contra a chronologia da Escriptura.

A analyse d'estes dois monumentos, feita pelos philosophos do seculo passado, suppoz que elles representavam verdadeiramente o estado do ceo no tempo em que foram levantados os edificios, onde se achavam esses planispherios; estado que depende da pressão dos equinoxios, pela qual os coluros completam o giro do zodiaco em 26:000 annos. Partindo d'esta hypothese, Burkhardt quiz demonstrar que o templo de Denderah tinha pelo menos 4:000 annos de existencia; outros deram-lhe 2:610 annos, outros 2:250. O de Esnêa, tendo uma divisão differente, devia ter os seus tres mil annos mais. O *Moniteur* de 14 de fevereiro de 1802 ia mais longe ainda. «Ficará averiguado (dizia elle) que a divisão actual do zodiaco, qual a conhecemos, foi estabelecida pelos egypcios ha uns quinze mil annos antes da era christã.»

Appareceu depois alguem que procurou decifrar as inscripções d'aquelles dois zodiacos e comparar os estilos. Este estudo restabeleceu a verdade e deitou por terra as vans conjecturas da pretenciosa sciencia. Conheceu-se evidentemente que o templo de Denderah tinha sido consagrado á saude de Tiberio, e sobre o seu *antiquissimo* zodiaco leu-se o titulo de *Autocrator*, que provavelmente se referiu a Nero. Em Esnêa uma columna do mesmo estilo do zodiaco deixou ler a data do decimo anno do reinado de Antonino, isto é, o anno 147 da era christã. [5]

D'este ultimo templo escrevia Mr. Champollion, em 1829, o seguinte: — «Estou convencido, por um estudo especial, de que este monumento, considerado em razão de simples conjecturas, fundadas sobre um systema particular de interpretar o zodiaco da abobada, como o mais antigo monumento do Egypto, é o mais moderno de todos. A epocha do *pronaus* (portico) de Esnêa, é incontestavelmente do reinado de Claudio. Suas esculpturas chegam até Caracála, e n'este numero entra o famoso zodiaco, sobre o qual tanto se tem discutido.» [6]

Ainda não é só isto. Cailland, voltando da sua viagem á Nubia, trouxe uma côxa de mumia, cuja inscripção grega indicava o decimo nono anno do rei-

[1] Lao-chou-tsee, cit. segundo Lupi. — Mem. rel. aos chin. Tom. 1.º p. 107. — Ramsay, Disc. sobre a mytholog.

[1] Cantu, Hist. univ. L.º 1.º cap. 2.º in fine.
[2] Klaproth, Mem. rel. á Asia, Tom. 1.º p. 397.
[3] Epigenes e Plinio, cit. nos Princip. da sã philosoph. Tom. 1.º pag. 468.
[4] Bentley, sobre a antiguidade do *Suria-Siddanta*, e dos syst. astron. dos egypc.
[5] D. Terta: *sobre os dois zodiacos recentemente achados no Egypto*. Roma, 1802.
[6] Citado na Hist. univ. de Cesar Cantu, L.º 1.º cap. 2.

nado de Trajano, e na qual se observava pintado um zodiaco precisamente distribuido como o de Denderah! Mr. Letronne procedendo, pelo estudo das antiguidades gregas, á averiguação das datas d'aquelles templos, achava nas inscripções d'elles os mesmos nomes que se haviam encontrado nas lendas hyeroglyphicas, e concluia o seguinte: — « Os zodiacos egypcios despojados da alta antiguidade de que com tanta liberalidade os haviam revestido, e do caracter puramente astronomico, que lhes suppunham, perdem quasi toda a importancia, que pareciam ter. » [1]

Interroguemos agora a geologia, e escutemos a sua resposta pela bocca dos seus mais assiduos e acreditados cultores. Seja o primeiro o immortal Cuvier, que com Deluc e Dulomieu conclue: « Que se ha cousa bem averiguada em geologia é que uma grande e subita revolução causára transtorno geral na superficie do globo; que a data d'este acontecimento não póde passar de cinco a seis mil annos; que aquella revolução submergira o paiz habitado de pouco tempo pelos homens e pelas especies de animaes hoje conhecidas, deixando em sêcco o que era leito do mar, paiz habitado ao presente; que só depois d'essa revolução é que as nossas sociedades começaram uma marcha progressiva, fizeram estabelecimentos, levantaram edificios, colligiram os factos naturaes, e combinaram systemas scientificos. » A natureza, vindo por toda a parte em apoio da narração mosaica, protesta contra a fabulosa antiguidade do mundo. A costa da Arabia, confinante com o mar Roxo, acha-se obstruida de bancos e recifes de coral, que a tornam por extremo difficil e perigosa aos navegantes. Estes bancos são morada e fábrica dos polypos, que, sem desamparar as primeiras vivendas, formam em cima d'ellas outras. Nos climas quentes estes polypos estão em perpetua actividade, d'onde procede que em pouco tempo avultam espantosamente as suas moradas, as quaes, longe de desapparecerem com o tempo, se tornam cada vez mais solidas, por serem da mesma materia que o *testo* dos crustaceos. [2] D'aqui resulta que Ghaleska, em outro tempo cidade celebre, é hoje uma pobre aldeia, que só conta pescadores por seus habitantes, e o seu porto está impraticavel mesmo para os mais pequenos navios. Se pois o mundo contasse de existencia os milhares de seculos, que lhe assignam os orientaes, o mar Roxo, estreito e pouco profundo, achar-se-hia hoje completamente obstruido. [3] O mesmo se póde affirmar acerca de algumas paragens da nova Caledonia. [4] As cheias do Nilo destroem completamente a pretendida vetustez dos egypcios. O terreno dos paizes niliacos eleva-se 26 millimetros por anno, d'onde se segue, que o chão onde se acha construida a cidade de Thebas, tendo de profundidade 6 metros, não póde contar mais de 45 seculos de antiguidade. [5]

Poderiamos multiplicar ainda estes exemplos, se o que ahi fica já exposto não fosse bastante para nos convencer de que a creação do mundo se não póde fixar além da epocha que assignala a chronologia dos nossos livros santos. Concluiremos trazendo á memoria dos leitores o que deixou escripto o sabio Cuvier. — « A natureza (diz elle) em toda a parte nos falla pelo mesmo theor; em toda a parte nos diz, *que a ordem actual das cousas não é muito antiga;* e o que é bem digno de notar-se, em toda a parte os homens nos dizem o mesmo que a natureza, quer nos resolvamos a consultar as verdadeiras tradições dos povos, quer nos inclinemos a examinar o estado moral e intellectual, a que tinham chegado na epocha em que começam os monumentos authenticos d'elles. » [1] É por ventura possivel que, quaesquer que sejam esses documentos compilados no *Chou-King*, possam destruir o testimunho da propria natureza? A mesma veneração que o seu compilador Confucio (*Koung-fou-tseu*) tinha pela antiguidade não seria a causa de elle admittir cegamente as fabulas que, por assim dizer, essa antiguidade havia consagrado? Além de que, nós já vimos que, segundo esse mesmo *Chou-King*, a historia chineza apenas remonta até Yao, que quando muito poderia ser contemporaneo de Abrahão. Antes d'este são os tempos fabulosos, em que os historiadores chinezes põem primeiramente o reinado do ceo, depois o da terra, e finalmente o do homem; no primeiro periodo tinham os homens corpo de serpente; no segundo tinham corpo de serpente, rosto de mulher, cabeça de dragão, e pés de cavallo; no terceiro rosto de homem e corpo de dragão ou de serpente: seguiram se outros periodos, em que foram perdendo o caracter de feras. Depois apparecem ainda varias personagens, que se podem considerar symbolicas, até chegar o reinado de Yao, em que começam os tempos verdadeiramente historicos.

Ora que nos provem a authenticidade dos documentos, onde se encontram essas monstruosas combinações do homem e das feras, e nós os acreditaremos então, quando dão aos chinezes 1:200:000 annos de existencia social.

D. M. SOTTO MAYOR.

CHARADA.

Não tem pêlo, nem lã, nem cabello, — 2
Nasce doce, mas doce não morre; — 2
Era o nome d'um monte famoso,
Que por bocca de todos discorre.

D. EMILIA INNOCENCIA DA CUNHA.

Explicação da charada do numero antecedente — *Sermão.*

ENIGMA.



[1] Investig. sobre a hist. do Egypto durante a dominação grega e romana.
[2] Deluc, Carta de 10 de maio de 1802.
[3] Biblioth. Brit. Scienc, e Art. citado por R. de Lorgues, J. C. per. o Sec. pag. 85.
[4] Ibid. refer. á viagem de *la Bilhardière*.
[5] Mr. Girardin, Dissert. da Acad. das Scienc. 1818.

[1] Discurso sobre as revol. da superf. do globo.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 P.

bato